A liberdade do parque

Tribune, 7 de dezembro de 1945

Há algumas semanas, cinco indivíduos que vendiam jornais na frente do Hyde Park foram presos pela polícia por obstrução de via pública. Levados ao tribunal, foram todos considerados culpados pelos juízes; quatro deles foram detidos por seis meses e o outro, sentenciado a quarenta xelins de multa ou um mês de prisão. Ele preferiu ir para a cadeia, onde suponho que esteja até agora.

Os jornais que essas pessoas estavam vendendo eram *Peace News*, *Forward* e *Freedom*, além de literatura similar. *Peace News* é o órgão da União de Compromisso pela Paz, *Freedom* (chamado até recentemente *War Commentary*) é o dos anarquistas; quanto ao *Forward*, sua linha política desafia uma definição, mas é, sem dúvida, de esquerda radical. O juiz, ao emitir a sentença, declarou que não foi influenciado pela natureza da literatura que estava sendo vendida: só estava preocupado com o fato da obstrução, e que esse delito havia sido tecnicamente cometido.

Isso levanta várias questões importantes. Para começar, o que diz a lei a esse respeito? Tanto quanto posso descobrir, vender jornais na rua *é* tecnicamente uma obstrução, ao menos se a pessoa

não vai embora quando a polícia manda. Então, em termos legais, seria possível para qualquer policial que assim decidisse prender um jornaleiro por vender o *Evening News*. Obviamente isso não acontece, pois a aplicação da lei depende do arbítrio da polícia. E o que faz a polícia prender um homem em vez de outro? A despeito do que possa dizer o juiz, acho difícil acreditar que, nesse caso, a polícia não foi influenciada por considerações políticas. É coincidência demais que os policiais tenham escolhido pessoas que vendiam justamente aqueles jornais. Se tivessem detido alguém que estivesse vendendo *Truth*, ou o *Tablet*, ou o *Spectator*, ou até mesmo o *Church Times*, seria mais fácil crer na imparcialidade deles.

A polícia britânica não é como a *gendarmerie* ou a Gestapo da Europa continental, mas não acho que seja uma calúnia dizer que, no passado, ela foi hostil às atividades esquerdistas. Em geral, ela mostrou uma tendência a se alinhar com os que considera defensores da propriedade privada. Houve alguns casos escandalosos na época dos distúrbios de Mosley.[1] No único grande comício de Mosley a que compareci, a polícia colaborou com os camisas-negras na "manutenção da ordem", de uma maneira em que certamente não teria colaborado com socialistas ou comunistas. Até recentemente, "vermelho" e "ilegal" eram quase sinônimos, e era sempre o vendedor do, digamos, *Daily Worker* e nunca o do, digamos, *Daily Telegraph* que recebia ordens de ir andando, e em geral sofria intimidações. Parece que pode acontecer a mesma coisa, ao menos em alguns momentos, sob um governo trabalhista.

Uma coisa que eu gostaria de saber — e sobre a qual ouvimos muito pouco — é que mudanças são feitas no pessoal administrativo quando há mudança de governo. O policial que tem uma vaga noção de que "socialismo" significa uma coisa contra a lei continua a agir da mesma forma quando o próprio governo é socialista? Manda um princípio saudável que o funcionário não tenha filiação partidária, sirva fielmente a sucessivos governos e não deva ser

perseguido por suas opiniões políticas. Mesmo assim, nenhum governo pode se dar ao luxo de deixar os inimigos em postos-chave, e quando o Partido Trabalhista está no poder legítimo pela primeira vez — e, portanto, quando está assumindo uma administração composta por conservadores —, ele deve claramente fazer mudanças suficientes para evitar sabotagem. O funcionário, mesmo quando é amigo do governo no poder, tem demasiada consciência de que é permanente e pode frustrar os ministros de vida curta a quem supostamente deve servir.

Quando um governo trabalhista assume, eu me pergunto: o que acontece com a Divisão Especial da Scotland Yard? Com a Inteligência Militar? Com o Serviço Consular? Com as várias administrações coloniais — e assim por diante? Não nos contam, mas os sintomas que percebemos não sugerem que alguma reorganização muito grande esteja em andamento. Ainda somos representados no exterior pelos mesmos embaixadores, e a censura da BBC parece ter o mesmo matiz sutilmente reacionário de sempre. A BBC afirma, é claro, ser independente e não política. Disseram-me certa vez que sua "linha", se é que existe alguma, era representar a esquerda do governo no poder. Mas isso foi no tempo do governo Churchill. Se ela representa a esquerda do governo atual, eu não notei.

Porém, o principal ponto desse episódio é que não deveria haver interferência na atividade dos vendedores de jornais e panfletos. É secundário saber qual a minoria atingida, sejam pacifistas, comunistas, anarquistas, Testemunhas de Jeová ou a Legião dos Reformadores Cristãos, que declarou recentemente que Hitler era Jesus Cristo. É sintomático o fato de aquelas pessoas terem sido presas naquele lugar específico. Não se pode vender literatura dentro do Hyde Park, mas há muitos anos é comum que os vendedores de jornais fiquem do lado de fora dos portões e distribuam literatura relacionada com as reuniões realizadas ao ar livre cem metros adiante. Todo tipo de publicação era vendida ali sem interferência.

Quanto aos comícios dentro do parque, eles são uma das pequenas maravilhas do mundo. Ali, em diferentes momentos, ouvi nacionalistas indianos, defensores da abstinência alcoólica, comunistas, trotskistas, o SPGB,[2] a Sociedade da Evidência Católica, livre-pensadores, vegetarianos, mórmons, o Exército da Salvação, o Exército da Igreja e uma grande variedade de simples malucos, todos se revezando na tribuna de forma ordenada e sendo ouvidos por uma plateia bem-humorada. Admitindo-se que o Hyde Park é uma área especial, uma espécie de Alsácia em que opiniões proibidas têm permissão para passear, mesmo assim, em poucos países do mundo se pode ver um espetáculo similar. Muito antes de Hitler tomar o poder, conheci europeus continentais que saíram do parque espantados e até perturbados pelas coisas que ouviram nacionalistas indianos ou irlandeses dizer sobre o Império Britânico.

O grau de liberdade de imprensa existente neste país é com frequência superestimado. Tecnicamente, há uma grande liberdade, mas o fato é que a maior parte da imprensa é de propriedade de algumas pessoas que agem de forma muito parecida com a de uma censura estatal. Por outro lado, a liberdade de manifestação oral é verdadeira. No palanque ou em certos espaços ao ar livre reconhecidos, como o Hyde Park, pode-se dizer quase tudo; e o mais significativo talvez seja que ninguém tem medo de manifestar suas verdadeiras opiniões em pubs, em cima de ônibus, e assim por diante.

O problema é que a relativa liberdade de que desfrutamos depende da opinião pública. A lei não é nenhuma proteção. Os governos fazem as leis, mas se são executadas, e como a polícia se comporta, tudo isso depende do humor geral do país. Se um grande número de pessoas estiver interessado na liberdade de manifestação oral, haverá liberdade de manifestação oral, mesmo que a lei a proíba; se a opinião pública for apática, minorias inconvenientes serão perseguidas, ainda que existam leis para protegê-las. O de-

clínio do desejo de liberdade intelectual não foi tão agudo quanto eu teria previsto há seis anos, quando a guerra estava começando, mas mesmo assim houve um declínio. A noção de que não se pode permitir a manifestação de certas opiniões está crescendo. É moeda corrente entre intelectuais que confundem a questão ao não distinguir entre oposição democrática e rebelião aberta, e se reflete em nossa crescente indiferença à tirania e à injustiça no resto do mundo. E até mesmo os que se declaram favoráveis à liberdade de opinião geralmente ficam quietos quando são seus adversários que estão sendo perseguidos.

Não estou sugerindo que a prisão de cinco pessoas por vender jornais inofensivos é uma grande calamidade. Quando vemos o que está acontecendo no mundo hoje, não parece valer a pena bradar por um incidente tão pequeno. Ainda assim, não é um bom sintoma que esse tipo de coisa aconteça quando a guerra já terminou há um bom tempo, e eu me sentiria mais feliz se isso e a longa série de episódios que o precederam conseguissem levantar um clamor popular genuíno, e não apenas um leve alvoroço em seções da imprensa minoritária.